



EDITORIAIS DE *O ESTADO DO MARANHÃO* E O IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA NAS ELEIÇÕES DE 2014

Nota do Autor¹

*Aline Louise Q. de ARAÚJO*²

RESUMO: Este artigo analisa os editoriais dominicais do jornal *O Estado do Maranhão* no período eleitoral de 2014 a fim de identificar os enquadramentos utilizados para caracterizar o candidato que liderava as pesquisas. A partir da Análise de Conteúdo Temática, identificamos a tentativa de agendamento do imaginário anticomunista a partir de atributos negativos para caracterizar o personagem político em questão. Verificamos nesse contexto que, inicialmente, tal caracterização acontece de maneira discreta e, ao longo das semanas, vai se intensificando na tentativa de relacionar o candidato à violência, ao crime organizado e detentor de objetivos ocultos ao eleitor.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Imaginário; Eleições; Agendamento; Enquadramento.

ABSTRACT: This article analyzes Monday's *O Estado do Maranhão* editorials during 2014's elections, observing the frames used by the newspaper to identify the candidate who led the voting polls. Using the Content Analysis methodology, was possible to detect the attempted of Agenda-Setting related to anticomunism imaginary. We observed that, initially, this characterization occurred discreetly. But, after some weeks, it was intensified and the newspaper's editorials tried relate the candidate to violence, crime and occulted objectives.

KEY-WORDS: Communications; Imaginary; Elections; Agenda-Setting; Framing.

1. Aspectos Iniciais

¹ Trabalho modificado a partir de apresentação no GP Comunicação, Imagem e Imaginários do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduada em Jornalismo (UFMA) e especialista em Literatura Brasileira (PUCRS). É bolsista CAPES. E-mail: aline.queiroga@acad.pucrs.br

As eleições gerais de 2014 no Maranhão foram palco de uma interessante disputa centrada entre um candidato filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e outro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Tratava-se, respectivamente, do ex-juiz federal, deputado federal e presidente do Instituto Brasileiro de Turismo - Flávio Dino - e o empresário e suplente de senador Lobão Filho. Liderando as pesquisas desde o início da corrida estava o candidato comunista, que representava a aliança com outras 8 siglas partidárias, seguido do peemedebista, que reunia em sua coligação 17 legendas. O primeiro liderava a oposição à então mandatária do Executivo, Roseana Sarney (PMDB), a qual apoiava o segundo colocado.

Foi nesse contexto que, a partir das campanhas publicitárias e dos debates pautados pela mídia, desenvolveu-se o embate em torno do imaginário sobre o comunismo e suas eventuais consequências político-administrativas para o Estado. Ao longo do período oficial dedicado à disputa eleitoral, acompanhou-se registros em colunas, reportagens, entrevistas, debates, charges, documentários, entre outros, em diversos meios de comunicação, assim como a reiteração de temas relacionados à ideologia comunista, às experiências internacionais de governos totalitários de tal matriz ideológica ou a estereótipos ligados aos indivíduos desta linha partidária (imaginário que passa pela religiosidade, relações familiares, postura pessoal, etc.). Após a queda do Muro de Berlim, o fim da União Soviética e a lenta abertura do regime cubano, redesenhava-se em 2014, na mídia maranhense, o cenário de combate ao comunismo.

Uma das características mais importantes da organização do campo midiático naquele estado, é a concentração dos meios de comunicação como propriedade de políticos. Para esta pesquisa, é mister salientar que o jornal analisado pertence a José Sarney, filiado ao PMDB (partido do qual é presidente nacional de honra), já foi presidente da República e governador daquele estado. No período em questão, sua filha Roseana comandava o Executivo estadual e apoiava o candidato de seu próprio partido, mas que possuía desvantagem nas pesquisas de intenção de voto divulgadas. O impresso diário *O Estado do Maranhão* (EMA) foi fundado em 1959 e, ao longo das décadas, serviu como um dos braços midiáticos de apoio ao projetos políticos ligados aos interesses de seu proprietário³.

³ Sousa (2015), analisando o noticiário no período eleitoral de 2014, constata que o jornal *O Estado do Maranhão* possui uma acentuada "subordinação do jornalismo à lógica política" e distribui seus espaços para "notícia-tornada propaganda" (p. 9). Ao verificar cem edições do jornal e 44 textos ali dispostos comparando os dados quantitativos e seus aspectos positivos ou negativos, para cada um dos dois principais candidatos, a

É necessário, portanto, compreender os mecanismos pelos quais o jornal operou tal distinção entre os dois candidatos. Aqui, propomos uma verificação da tentativa de agendamento de temáticas anti-comunistas nas páginas do periódico. Para tal, procederemos pela Análise de Conteúdo de seus editoriais dominicais para mapear os enquadramentos direcionados a caracterizar o candidato comunista, sua plataforma e postura política.

A partir da observação da superfície dos textos proposta por Bardin, descrevendo-os e analisando-os, seguida de um procedimento de identificação dos fatores que determinam a presença de tais características e enquadramentos, é possível compreender o sentido da comunicação direta e ao mesmo tempo realçar os sentidos implícitos (BARDIN, 2016, p. 40). Desta maneira, será possível verificar, através dos vestígios presentes no texto, o seu duplo aspecto inferencial: as causas que geraram um determinado enunciado; e os possíveis efeitos provocados pela mensagem, ou seja, suas consequências esperadas.

2. Estereótipos e imaginários nas disputas eleitorais

Os primeiros estudos relacionados à relevância das narrativas e imagens destacadas a partir dos recortes e construções procedidos pelos meios de comunicação de massa datam das primeiras décadas do século XX. Na formação da *opinião pública* sobre as ações e decisões políticas, foram as reflexões de Walter Lippmann, publicadas originalmente em 1922, que começaram a delinear com maior clareza o papel desempenhado pelos *mass media* na formação de nossa percepção da realidade que nos cerca. Porque precisamos deles para nos informar sobre os assuntos que não podemos acompanhar de perto, a construção de narrativas e imagens formuladas pela mídia acabam por ter força para determinar “as imagens em nossas mentes”, pelas palavras de Lippmann. Para essa linha de estudos, é cara a definição da estrutura e funcionamento dos estereótipos de que nos valem para formar nossa compreensão dos acontecimentos:

[Os estereótipos] São despertados por pequenos sinais, que podem variar desde um índice verdadeiro até uma vaga analogia. Despertados, eles inundam a visão fresca com imagens antigas, e projetam no mundo o que tem reaparecido na memória. (...) O que interessa é o caráter dos estereótipos, e a credulidade com a qual nós os empregamos. E estes ao fim dependem dos padrões inclusivos que

pesquisa apontou uma extrema discrepância entre a cobertura de ambos. Enquanto o candidato Flávio Dino mereceu 97,1% de textos com argumentações negativas, Lobão Filho recebeu 98,03% de menções positivas. Para Sousa, não era “o veículo quem influencia as escolhas políticas nem os rumos da campanha e sim a campanha de Edson Lobão que influencia e até define os rumos da cobertura jornalística” (p 11).

constituem nossa filosofia de vida. Se naquela (...) supomos que o mundo é codificado de acordo com o código que possuímos, nós provavelmente faremos relatos do que está ocorrendo descrevendo o mundo comandado pelo nosso código (LIPPMANN, 2009, p. 92).

Como um dos pioneiros desse campo de reflexões, Lippmann lança bases para compreender a formação da opinião pública e o papel das narrativas midiáticas para a constituição do debate das questões públicas. Diante da complexidade das relações sociais aceleradas, que já se mostrava no início do século XX, Lippmann afirma que “nossa apreensão é profundamente controlada” (p. 144) pelos estereótipos que adquirimos e formulamos ao longo do tempo. Para ele, as emoções despertadas podem estar ligadas a diferentes ideias ao mesmo tempo. Essa noção será crucial para observarmos nosso objeto de estudos.

Iniciando o processo de desvelamento e compreensão necessário à pesquisa acadêmica, buscaremos nos indícios do texto jornalístico o modo como se deu a caracterização do imaginário anticomunista nessa eleição. Observando a organização textual que deram conta de atributos pessoais, direcionados a determinado sujeito e a uma determinada ideologia. Esses indícios nos ajudarão a esmiuçar a presença do imaginário presente no campo político brasileiro ao longo do século XX e que foi resgatado durante os debates eleitorais corridos no Maranhão na segunda década no século XXI. No caminho de desvelamento da narrativa política (SILVA, 2011), iniciaremos pela caracterização do termo *imaginário*, ao qual nos referimos.

Agindo como “um reservatório, um motor que agrega imagens, lembranças, sentimentos, experiências, visões do real que realizam o imaginado” (SILVA, 2003), o imaginário faz parte da cultura de uma sociedade e age a partir de instrumentos, artefatos ou tecnologias que os criam e dão forma a uma partilha simbólica entre os integrantes dessa cultura (MAFFESOLI, 2001).

Deste modo, os imaginários que compõem cada cultura são recortes do vivido e do imaginado que enraízam sentidos e cristalizam-se nos reservatórios semânticos de uma dada sociedade. Ao discutir amplitude e limites da noção de Imaginário, o sociólogo Michel Maffesoli diferencia-o da Cultura, da Ideologia e da Crença, definindo-o como a relação entre as intimações objetivas e os sujeitos. Buscando em Gilbert Durand tal característica, Maffesoli acentua que tais intimações objetivas são coerções sociais que “as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade” (2001, p. 80). Para ele, é no indivíduo e na sociedade que se expressam os imaginários que carregamos

e reproduzimos. Por se tratarem de uma partilha social, os imaginários são responsáveis pelas imagens que criamos e disseminamos cotidianamente, a partir dos reservatórios semânticos “que ultrapassam o indivíduo, que impregnam o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Tal partilha imaginal socialmente estabelecida permite encontrar, através das manifestações observadas em nosso cotidiano, vestígios deixados pelos caminhos abertos por imaginários coletivos. Em diálogos, imagens em suas diferentes formas de expressão, noticiário, peças publicitárias, entre outros, o investigador do presente pode encontrar os vestígios dos imaginários compartilhados para narrar o vivido, bem como identificar não apenas os motivos racionais de sua expressão, mas também “outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras chamadas de práticas” (MAFFESOLI, 2001).

Mas é preciso atentar ainda para a (im)permanência dos imaginários socialmente compartilhados ao longo do tempo. Uma mesma ideia pode ser dominante em um determinado período e ofuscada em seguida, além de possuir uma função ordenadora da sociedade. No entanto, ela não está fadada a desaparecer para sempre. Acontece, assim, o fenômeno da pseudomorfose para caracterizar o despertar e o reviver de certas práticas.

A repetição é certamente um meio que uma estruturação tem de negociar sua morte, de administrar sua angústia face à aceleração da história. (...) É assim que nos parece importante compreender o ritual como processo de justificação na epopeia cosmogônica que sempre se põe em prática novamente em cada conjunto social. (MAFFESOLI, 2001, p. 119)

O autor esclarece que a repetição arquetípica, retornos, idas e vindas, ação e retroação, não significam que o processo social observado seja de estagnação. Para ele, “pode haver nela reapropriação efetiva e original de práticas e de situações que se enraízam fortemente numa qualidade da vida” (2001, p. 120), sendo esta testemunha de práticas e vestígios ainda encontrados na vida em comunidade. A partir dessa concepção de imaginário e repetição arquetípica, nos propomos a nossa compreensão.

3. Imaginário e ideologia

Consideramos necessário diferenciar os imaginários socialmente partilhados e as ideologias, posto que o objeto desta investigação possui também uma forte carga ideológica remanescente dos embates políticos, partidários e eleitorais ao longo de todo o século XX e, como se verá, chega até as duas primeiras décadas do século XXI.

A diferença mais aguda apontada por Maffesoli entre as duas noções está no fato de que a ideologia possui como característica primeira a explicação racional da realidade e suas consequências. Em Silva (2003, p. 20-51), encontraremos alguns dos traços diferenciadores entre as duas concepções. Enquanto a ideologia utiliza-se da manipulação, o imaginário atua através da sedução. Em vez da participação requerida pela ideologia, o imaginário trabalha com a interação. São diferenças de grande importância para que possamos compreender seu funcionamento no seio da sociedade.

O imaginário, apesar de possuir também elementos de racionalidade na sua existência, tem sua maior expressão naquilo que há de emocional e afetivo, não-racional. No entanto, Maffesoli percebe ainda pontos de confluência entre as duas noções, uma espécie de irrigação mútua entre o que é racional e o que não é:

O imaginário é também a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento o afetivo. Em geral, quem adere a uma ideologia imagina fazê-lo por razões necessárias e suficientes, não percebendo o quanto entra na sua adesão outro componente, que chamarei de não-racional. (MAFFESOLI, 2011, p. 77).

É assim que também Silva nos ajudará a esclarecer (2003, p. 47) que são os imaginários que “dão significado e impulso, a partir do não-racional, a práticas que se apresentam também racionalmente”.

4. Agendando o imaginário: uma proposta metodológica

Tendo em vista que não é possível determinar, mas somente descrever as manifestações do imaginário na sociedade (SILVA, 2003, p. 49), trazer à tona suas manifestações, propomos uma metodologia de desvelamento do imaginário anticomunista manifestado através da utilização de atributos estereotipados nos editoriais do jornal *O Estado do Maranhão* em 2014 direcionados a um dos candidatos na disputa pelo comando do Governo.

Para isto, buscaremos na caracterização feita acerca do candidato filiado ao Partido Comunista o início da jornada de desencobrimento desse fenômeno. Descreveremos as formas pelas quais a mídia maranhense retomou, tentou reagendar e repetiu estereótipos construídos ao longo do século XX em torno de um indivíduo cuja orientação política é marcada pela filiação ao PCdoB, aproximando-se do imaginário anticomunista.

Já vimos que o imaginário não é um reduto de argumentação meramente racional, mas que, mesmo diante de predominância do afetivo e do simbólico, subsistem traços de

racionalidade e de tentativas de manipulação mediante disputas ideológicas já explicitadas. Adiante, seguiremos as marcas textuais para identificar os vestígios do imaginário anticomunista resgatado nesse contexto

Nosso próximo passo será identificar os estereótipos ativados pela imprensa sobre as características pessoais do candidato em destaque e suas pretensões de governo, a partir da leitura dos editoriais dominicais. Para isso, relembremos o ensinamento de Lippmann, em consonância com a busca dessas referências na definição de atributos a um candidato em disputa eleitoral: “O padrão dos estereótipos no centro dos nossos códigos determina largamente que grupos dos fatos nós veremos e sob que luz nós o enxergaremos” (2008, p. 129). O recurso à estereotipia representa um mecanismo de funcionamento recorrente no mundo moderno, em que é preciso simplificar e agilizar.

Entendemos que a utilização de estereótipos corresponde a uma das tecnologias do imaginário, dentre as diversas expressões possíveis, às quais se refere Silva (2003) ao explicar os meios pelos quais ativamos as bacias semânticas que compartilhamos com os demais indivíduos em sociedade. Será por essa definição que nos referiremos aos estereótipos daqui em diante, os quais identificaremos nas marcas dos textos em análise.

Trabalhamos nesta investigação a partir da hipótese de que a decisão de agendamento dos estereótipos anticomunistas pode ter como objetivo ou consequência a ativação de bacias semânticas de tal imaginário, remetendo o eleitor / telespectador a ideias de perigo e ameaça que a identificação política com o comunismo poderia trazer. Utilizando a Análise de Conteúdo Temática para verificar enquadramentos selecionados para caracterizar o candidato, poderemos desvelar o que está oculto na opção jornalística em utilizar tais atributos.

5. O funcionamento dos enquadramentos

A hipótese de estudos em Comunicação conhecida por *Agenda Setting*, ou Agendamento, é uma das vertentes contemporâneas de observação “das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público” (BARROS FILHO, 1995, p. 169). Essa linha de investigação considera o conjunto de conhecimentos assimilados pelo público através do acompanhamento do noticiário, ou seja, do agendamento midiático, bem como fatores internos e externos à mídia passíveis de determinar certas “distorções involuntárias” nas representações emitidas pelos meios de comunicação (WOLF, 2008, p.144).

Os indivíduos teriam, a partir dessa concepção, a necessidade de buscar no noticiário uma orientação para suas ações e compreensões sobre a realidade que os cerca, devido a sua complexidade. A hipótese afirma que, além da busca por orientação engendrada pelos cidadãos, é necessário que o assunto possua relevância e seja capaz de provocar incertezas para que seja realmente passível de ser agendado. As pesquisas com foco nesse debate tentam verificar a equivalência entre a tematização imposta pelos *mass media* e a agenda pública, auferindo as possíveis relação de causa e efeito (McCOMBS, 2009, p. 35).

No que diz respeito à formação das agendas em períodos eleitorais, tanto na mídia quanto na sociedade, os estudos com esse viés possuem grande importância. Levando-se em consideração a busca por orientação pelo eleitor, o agendamento pode ter relevância na “definição do eleitor em relação aos temas que o levam a decidir-se pelo candidato a quem confiará seu voto e, conseqüentemente, influencia no próprio resultado eleitoral” (HOHLFELDT, 2011, p. 199), com destaque também às trocas comunicacionais estabelecidas fora do circuito midiático. Barros Filho (1985, p. 184) corrobora tal aspecto, ressaltando que nos períodos de votação, os meios de comunicação “tornam-se um espaço privilegiado de luta, de uma luta propriamente simbólica pela imposição de representações legítimas e construção de um eleitorado”.

Nas recentes discussões sobre o *agendamento* e suas conseqüências na formação da *opinião pública*, percebemos uma revisitação da amplitude dos efeitos da temática da mídia na agenda pública. Entre as características da narrativa dos *media* destacadas está o agendamento de atributos: escolha da fatia da realidade a ser levada ao público. Segundo McCombs (2009, p. 133), além de sugerir sobre *o que pensar*, o agendamento da mídia estabelece o *como pensar* sobre os objetos. Essa dupla dimensão estabelece uma distinção teórica entre a atenção e a compreensão dos temas e objetos abordados no noticiário: os enquadramentos buscam organizar e estruturar o pensamento sobre o objeto.

Em uma das revisitas da teoria do *Agenda-Setting*, que vem se aprimorando desde o final dos anos de 1960, McCombs explicita a existência de níveis de agendamento que dão conta de diferentes aspectos de um assunto presente no noticiário. O primeiro deles seria a atribuição de status a um assunto, que se configuraria na “saliência crescente de uma pessoa que recebe uma atenção intensiva da mídia” (McCombs, 2009, p. 135). O segundo seria o da estereotipia e da construção de imagem (p. 135) que revelam a "saliência de atributos" do sujeito destacado no primeiro nível. Mais adiante, o autor afirma que esses atributos estão numa fase subsequente do agendamento, que se define pelo estágio da compreensão do tema pelo público.

Os atributos funcionam, conforme os estudos da área apontam ao longo das décadas, como “termo genérico que engloba o amplo leque de propriedades e indicadores que

caracterizam um objeto” (McCOMBS, p. 110-129). De modo que, quando se trata de uma agenda noticiosa, é possível falar em agenda de atributos usada para dar definições e despertar compreensão em torno de um assunto e, além disso, podendo inclinar “a opinião pública na direção de uma perspectiva particular ou de uma solução preferencial” (p. 129). Isso pode se dar através de realce, ênfase ou silenciamento de determinadas características levadas ou não ao público pelas notícias.

Neste sentido, o conceito de enquadramento, ou *framing*, permite que os estudos do agendamento da mídia se debrucem sobre aspectos mais detalhados na construção das imagens públicas. Trata-se de observar os argumentos centrais elencados no conteúdo noticioso, operacionalizado pelo uso de estratégias de seleção, exclusão e elaboração de atributos. Assim podemos compreender o funcionamento dos enquadramentos na construção do noticiário:

Frames são construídos e personificados nas palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na notícia narrada que aparecem reiteradas vezes na construção do noticiário, embora Entman alerte que isso não significa que o público consuma essa narrativa de maneira passiva. (COLLING, 2001, p. 95)

A noção de *enquadramento* ajuda a identificar os atributos dos objetos noticiados que, para McCombs (2009, p. 140), “organiza e estrutura o pensamento” do público ao selecionar, enfatizar, elaborar e excluir determinados aspectos do objeto que receberão tratamento da mídia. A definição dos atributos na caracterização das personagens que são trazidos ao conhecimento do público tem nesta teoria uma grande relevância.

Tal diferenciação feita por McCombs (2009, p. 138) é central para melhor compreender o objeto: enquanto o enquadramento determina a perspectiva dominante do objeto, os atributos são aspectos menos centrais na formação da imagem pública midiática, que colaboram para sua captação geral. Assim, para que compreendamos as operações de enquadramento, é preciso que levemos essas duas dimensões em consideração.

Isto porque, segundo o autor, elas “promovem um problema particular de definição, interpretação causa, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito”. O agendamento passa pela seleção dos temas centrais a serem levados ao conhecimento do público e, ao mesmo tempo, pela definição dos aspectos secundários que também são submetidos a um processo de seleção. A organização e a estruturação dos atributos por meio dos enquadramentos poderão sugerir uma determinada formatação do pensamento, reunião de

informações anteriores pelo espectador e formas de *captura* do objeto, em vez de outras possibilidades.

Tal debate nos dá a chave para identificar indícios que marquem a retomada do imaginário anticomunista difundido amplamente na sociedade brasileira durante o período da ditadura militar (1964-1984) e, possivelmente, insinuar uma espécie de alerta à população para o assim denominado *perigo vermelho*.

6. Um sentimento anacrônico?

Partimos da hipótese de que o EMA utilizou atributos relacionados ao comunismo para definir o então candidato Flávio Dino e realimentar o imaginário anticomunista que esteve em voga no Brasil ao longo do século XX, pautando discussões políticas e dando guarida ao desenlace do golpe militar de 1964. Tal imaginário acerca dos políticos cuja ideologia esteja próxima ao comunismo teriam por finalidade despertar e/ou realçar sentimentos negativos sobre sua imagem pública política.

Para verificá-la, utilizamos a Análise de Conteúdo quantitativa e qualitativa, que identifica, através das marcas textuais registradas explicitamente, os indícios que possibilitem desvelar aquilo que está apenas implícito, por sugestões ou tentativas de ocultamento, mas que se mostram a partir das inferências possibilitadas pelo texto. Para tanto, escolhemos os editoriais dominicais do período eleitoral - que durou de 29 de junho a 05 de outubro de 2014. Os editoriais têm extrema relevância porque expressam o posicionamento do meio, configurando-se como o espaço que “reflete o ponto de vista do jornal” (AMARAL, 2008, p. 94). Os editoriais possuem fundamental importância nos estudos sobre o posicionamento político porque, segundo Palacio (1984, p. 130), através deles “se expressa, ou talvez se dê pés para que se adivinhe, a linha política do periódico”⁴.

Estabelecemos como amostragem os editoriais de todos os 15 domingos que o período eleitoral englobou, seguindo pela leitura inicial de cada um. Em apenas um deles o conteúdo político, partidário e eleitoral não esteve presente (edição de 20 de julho). Nas primeiras semanas, observa-se registros noticiosos, atribuições positivas ao governo de Roseana Sarney, traços positivos do candidato peemedebista e destaque para o início do processo eleitoral.

⁴ Do original: “se expressa, o tal vez se adivine, la línea política del periodico”.

Nos demais finais de semana, com a Análise de Conteúdo, percebemos a organização temática com focos diferentes no noticiário político em quatro diferentes blocos principais distribuídos ao longo das semanas. O primeiro deles durou de 27 de julho a 31 de agosto e apresentou uma crítica enfática à administração municipal da capital, cujo prefeito foi apoiado por Dino nas eleições anteriores (2012) e declarava apoio ao comunista. Esse tema era acompanhado de caracterizações de Dino como portador de um discurso demagógico e enganador, que não comportava a realidade de um Estado em crescimento. O argumento era seguido pela aprovação do desempenho do governo capitaneado por Roseana Sarney, acionista do jornal.

O segundo bloco intensifica a carga negativa à personalidade do comunista, que num primeiro momento não esteve presente nos editoriais, mas que se avolumou a partir de 17 de agosto (com quatro menções) e durou até o fim do período. O terceiro tema predominante identificado dá conta dos registros da pesquisa Ibope⁵, em que Dino aparecia com 42% das intenções de voto contra 30% de Lobão Filho, o que para o jornal significava uma oportunidade de virada do segundo e queda do primeiro. Tal enfoque foi registrado nos domingos de 31 de agosto, 07 e 14 de setembro.

O quarto conteúdo teve maior predomínio nas semanas finais da corrida pelo Governo, entre 14 e 28 de setembro, tendo aparecido também em 31 de agosto. Trata-se da tentativa de relacionar a reta final da campanha, a suposta virada eleitoral desenhada anteriormente e os episódios criminosos como queima de ônibus e toque de recolher, partindo dos grupos de crime organizado, que atuavam na capital maranhense. Tais episódios eram relacionados também à crise carcerária por que passava o estado, com rebeliões e episódios externos de grande violência. Nesses editoriais, encontramos a sugestão, pelo jornal, de uma possível ligação entre os atos violentos e o candidato comunista⁶.

ARGUMENTOS	QUANTITATIVO	PERCENTUAL
Negativos para Flávio Dino	60	49,6%
Positivos para Lobão Filho	42	34,7%

⁵ Divulgada no dia 06 de setembro daquele ano, a pesquisa faz parte de um conjunto nacional de levantamentos estaduais, contratados e divulgados pelas afiliadas à TV Globo. No Maranhão, a TV Mirante é a responsável por esse procedimento. A TV local tem como acionistas Roseana Sarney, Fernando Sarney e Sarney Filho, filhos do ex-presidente da República José Sarney.

⁶ O Maranhão passava por uma grave crise de Segurança Pública e Penitenciária desde meados de 2013, mas cujo ápice ocorreu com as rebeliões no presídio de Pedrinhas (localizado na capital), em janeiro de 2014, quando se cogitou inclusive a necessidade de intervenção do Governo Federal no sistema carcerário.

Neutros	19	15,7%
TOTAL	121	100

QUADRO 1: Levantamento temático dos editoriais dominicais em O Estado do Maranhão

Para separar o conteúdo por argumentos categorizados entre as quatro possibilidades acima elencadas, procedemos à leitura de cada editorial ao mesmo tempo em que estabelecíamos as subcategorias, em que reunimos 13 diferentes tópicos relacionados ao campo político. Ao final, identificamos os argumentos nos grandes blocos: argumentos negativos ao comunista (envolvendo desde sua personalidade a aspectos administrativos de alguns aliados), positivos para Lobão Filho (pessoal e politicamente positivos, bem como de seus apoiadores) e destaque ao noticiário neutro (temas não relacionados às eleições e aspectos neutros sobre votação).

Embora o levantamento quantitativo da temática presente nos meios de comunicação seja determinante para salientar a importância dada ao tema nos textos que marcam a assinatura institucional do periódico, essa metodologia deve vir acompanhada de uma reflexão qualitativa. Na AC, é necessário procedermos pela conjugação de ambas para que se possa inferir como e por que foram utilizados tais enquadramentos na construção da imagem pública do personagem político. Diante desse quadro mais amplo do temário negativo, vamos dar foco ao quarto e último bloco temático, em que os editoriais desenham uma cena em que o candidato filiado ao PCdoB é responsabilizado pelo crime organizado, a movimentos violentos e a rebeliões no sistema carcerário com o intuito de desestabilizar o processo eleitoral. Nele, exporemos em ordem cronológica a montagem narrativa deste enquadramento.

A primeira menção à segurança acontece em 31 de agosto de 2014, a pouco mais de um mês para o período eleitoral. Desde o sexto domingo anterior ao pleito, o tema seguiu nas linhas de opinião até o último fim de semana anterior às eleições. No primeiro domingo de outubro, dia da votação, o matinal fez duas menções negativas ao comunista, sem o foco anterior, mas argumentando que seu discurso era fundado em uma estratégia demagógica.

Na última edição de agosto, ocorre apenas uma vaga menção, no primeiro parágrafo, a “turbulências” no cenário eleitoral que seriam sinais de “virada”, em que o candidato comunista estaria apresentando “contrações” expostas pelo PMDB. No terceiro, o jornal aponta a dificuldade que o Governo Roseana tem em prevenir problemas no sistema prisional devido a “sentimento despertado em janeiro deste ano, quando a brutalidade do crime

organizado incendiou um ônibus em São Luís na esteira de uma série de rebeliões”. Ainda sem conexão direta, a caracterização do candidato supostamente em queda nas pesquisas, e a reiteração de crimes, aparece pela primeira vez.

No editorial "Pesquisa, mudança, distorções e contribuição", em 14 de setembro, encontramos novamente os dois temas, mas desta vez explicitamente conectados como causa e efeito. O periódico afirma que a instalação do Gabinete de Segurança da Justiça Eleitoral é necessária por ter havido uma mudança no clima eleitoral auferido pela pesquisa Ibope. Antes dela, institutos regionais mostravam vitória comunista em primeiro turno, mas para o Ibope esse candidato teria apenas 42% contra 30% do peemedebista. A partir desse dado, o editorial fala em tendência de queda de um e de crescimento do outro. O jornal diz que os levantamentos anteriores eram "suspeitos" e, diante do novo cenário, "o comunista Flávio Dino e seus aliados, resolveram tensionar mais ainda o processo estimulando uma corrente do movimento estudantil a criar situações de confronto". Ao longo do parágrafo, termos como "confronto", convocação nacional de "chefes do movimento estudantil" para atuar nas eleições e monitoramento da polícia de movimentos sociais estranhos, repetidos como possibilidade de "distorcer o processo eleitoral".

Em 21 de setembro, com o título "Incêndios, tumulto e determinação", o jornal eleva o tom. Incêndios a ônibus e ações violentas coordenadas por presidiários são determinados como "uma ação articulada dos chefões do crime com terceiros com o objetivo de desestabilizar o complexo e criar embaraços ao Governo do Estado no curso final da campanha eleitoral". A ilação é complementada com a afirmação de que está "cada vez mais óbvio" que esses problemas seriam "parte de uma ação coordenada e concebida por grupos interessados no 'quanto pior melhor". E finaliza: "se por trás de toda essa trama houver interesse político, isso cedo ou tarde será descoberto".

Em "Eleições, combate à pobreza e mel" (28/09), o periódico afirma que o peemedebista foi vítima de uma série de armações", como operações policiais contra sua campanha e, ao mesmo tempo, o candidato oponente é acusado de "tensionar" a "festa cívica", acusado de "obter apoio de corruptos e aliados acusados até de integrar máfias relacionadas ao crime organizado".

7. Considerações Finais

Analisando em perspectiva temporal, os temas levantados pelo agendamento deste meio de comunicação, percebe-se que diferentes atributos negativos foram mobilizados ao

longo do período eleitoral para caracterizar o personagem político Flávio Dino, apontando para a formação do enquadramento negativo do candidato. Essa opção pode ser explicada pelos interesses políticos e econômicos dos acionistas do periódico.

Ao dividir o espaço temático agendado em blocos temáticos principais, verificamos que quatro grupos de temas negativos principais foram acionados pelo jornal ao longo das semanas: incapacidade administrativa do candidato e seus aliados; caracterizações pessoais negativas; perspectiva de virada nas pesquisas eleitorais e tensionamento social; relação entre o comunista e o crime organizado. Observamos que, ao longo das semanas, os textos vão intensificando a carga negativa e o acionamento de atributos pessoais ligados à opção partidária de Dino. Tais atributos, que enumeram características como desconfiança, discurso demagógico, violência, aliados ocultos, invasão de líderes importados para tensionar as eleições e corrupção - remetem ao imaginário anticomunista circundante no Brasil ao longo do século XX (SILVA, 2001).

Assim, consideramos que a hipótese inicial é parcialmente confirmada. Ao identificarmos os imaginários como bacias semânticas carregadas de significados que remetem a arquétipos, estereótipos e sentimentos que podem ser mobilizados a partir de seu acionamento, podemos inferir, a partir da AC, nos editoriais de *O Estado do Maranhão*, que o relacionamento dos aspectos acima listados visam despertar no leitor do jornal e potencial eleitor cargas de sentimentos negativos diante do personagem político descrito. No entanto, a leitura também permite identificar outros atributos acionados para a caracterização desse candidato, que não necessariamente estavam ligadas ao anti-comunismo, como é o caso da opção inicial pela crítica contínua a aspectos administrativos de seu principal aliado, prefeito da capital, São Luís.

Sobretudo no que se refere aos últimos momentos da corrida eleitoral, o jornal intensifica o julgamento negativo e, ao estabelecer uma relação direta e assertiva (ainda que essa relação tenha se mostrado inverídica em seguida, a partir de investigações policiais e processos judiciais) entre o comunista e episódios de violência que se davam naquele estado - podemos apontar essa fase como a tentativa mais enfática de agendamento do imaginário anticomunista como fator de destaque para o enquadramento do candidato no noticiário.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 1995.
- COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. In: **Revista Famecos: mídia cultura e tecnologia**, pp 88-101, N. 14. Porto Alegre: 2001.
- HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.
- _____. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. O imaginário é uma realidade, in **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, pp. 74-81. N. 15. Porto Alegre, RS: 2001.
- MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- PALACIO, Juan Gutierrez. **Periodismo de opinión**. Madrid: Paraninfo, 1984.
- SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SILVA, Juremir Machado da. **1964: Golpe Midiático-Civil-Militar**. 4ª ed. - Porto Alegre: Sulina, 2016.
- _____. **As tecnologias do Imaginário**. 3ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. 3ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GONÇALVES, Telmo. A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo, in **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, pp 157-167. Nº 5/6 (2011). Lisboa, Portugal. Disponível em:

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2268>. Acesso em: 22 May. 2016.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva; Pinho, S. Jornalismo, política e coronelismo: o uso do jornal O Estado do Maranhão como ferramenta de construção do capital político nas eleições para o governo do Estado em 2014. In: **VI Congresso da Associação Brasileira em Comunicação Política**, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT2-Sousa-e-Pinho.pdf>. Acesso em: 15. may. 2017.